

Café dos 30 + A potência dos encontros *

Rosana De Marchi Steffen

Sinto-me honrada por estar aqui representando os colegas da Sig. Agradeço à diretoria pelo convite. Isso se deu porque meu nome consta nos documentos de fundação como sócia da instituição, talvez porque já participasse do grupo anterior que originou a Sig. Na época chamamos Núcleo de Estudos Sigmund Freud, nome escolhido para deixar claro qual seria a principal trilha teórica na busca do conhecimento. Mais tarde passamos a considerar a necessidade de um maior comprometimento social mudando para “Associação”.

É uma emoção fazer esse depoimento com a presença de colegas contemporâneos e também os colegas das gerações que se sucederam, e esse testemunho é no sentido de ser um motivador para nossa interlocução.

É interessante como se dá essa questão do tempo e da memória. Ao olhar nossos registros dos primeiros anos e fotos, entrei nos labirintos da memória, mas percebo o quanto minha lembrança se mostra diferente dos fatos. Percebo que estes se tornam secundários diante do que experienciamos, do que inquietou, desacomodou e nos fez criar. Como diria Mário Quintana: “o passado não reconhece o seu lugar”.

O tempo é mesmo uma invenção muito subjetiva e a história como um produto da memória revela-se uma criação.

Embora classifiquemos julho de 1989 como o ano da fundação, este não é o início e sim o meio da história pois a Sig já vinha sendo gestada envolta numa atmosfera social de interdição que exigiu um movimento resistencial diante da posição de insuficiência. Quando falo em resistência não me refiro à oposição, mas a uma afirmação que inclui um ato de criação e o desafio de ultrapassar os limites. Isso não impediu soar quase como utopia a coragem de propor o absurdo, um impensável. Mas não é a isso mesmo que uma análise se propõe: pensar o impensável e buscar criar?

Houve naquela reunião um compromisso coletivo de lealdade aos ideais vigentes aos quais nos mantivemos fiéis e permanecemos até hoje porque nunca encontramos razões para deixar um grupo que nos acrescenta, que proporciona espaços de troca e estudo, que aguça o pensamento crítico, que procura renovar-se. A instituição, assim como a Psicanálise busca estar sempre em trânsito, numa trajetória sem tutelas, mas de paixão, competência e investimento.

Na recente jornada interna perguntávamos desde quando existia essa atividade. Fui em busca de um texto onde participei de uma dessas mesas em que o tema era “Heranças em Psicanálise”. O tema me pareceu pertinente para esse momento. Era a V Jornada, em 2005. De lá para cá muitos foram os momentos que paramos para nos pensar e escutar o que nos é alheio

como instituição, o que certamente assegurou a nossa longevidade.

Nesse texto encontrei uma referência que usei na época. Vou voltar a ela porque apesar de singela, continua atual.

É uma história que foi contada por Marialzira Perestrello num pequeno livro dedicado a seu filho, que se chama “Cartas a um Jovem Psicanalista”. Um amigo seu que residia em Paquetá sonhava em conhecer as praias distantes que enxergava de sua casa. Alguns anos mais tarde chegou esse momento e ele então combinou com um experiente barqueiro para levar a família para as misteriosas praias. O dia marcado amanheceu com uma densa neblina que escondia o mar e o horizonte. Eles pensaram então em cancelar o passeio. O barqueiro garantiu não haver perigo nenhum e os levou para a ilha. No caminho ela observou que ele manejava o leme olhando para trás do barco. Ao ser questionado ele respondeu que era para manter o rumo: “olhando o rastro que deixamos, eu sei para onde estou indo”, disse ele.

Conto essa história não para falar de passado, mas porque ao olhar para trás percebo que a Sig de hoje se parece pouco com a daquela época, a não ser pelo propósito inicial, o rastro que segue vigente e que a oxigena: fazer uma Psicanálise aberta ao novo, mantendo os fundamentos do legado freudiano e a interlocução com outros saberes. Muitas são as vozes que nos chegam de outros interlocutores. São visões que convocam a indagar sobre nosso tempo atual.

Através desses outros olhares aprendemos que nosso trabalho vai além do consultório, alcançando as organizações sociais e seus efeitos sobre os indivíduos. O mundo mudou, hoje temos o desafio de nos encontrar com essas subjetividades esmagadas em um universo cada vez mais robotizado e globalizado.

No entanto, nosso fazer exige uma dialética que analisa, separa e cria. Isso é diferente de outras ciências em que o saber é cumulativo. Precisamos nos manter sempre abertos às interrogações e a importância da instituição com suas trocas nesta caminhada é indiscutível. Por acreditar nisso seguimos “nesse barco” há trinta anos.

Desde o início optamos por um caminho desalienante a partir de um referencial e uma postura ética. A proposta de autonomia sempre nos encantou e fortalece a instituição.

E autonomia seria andar no rastro dos mestres, mas com nossos próprios pés. A legitimidade da herança não supõe apenas gerenciá-la, mas transformá-la.

Que esse sinal de “mais” nos permita somar em todos os sentidos possíveis: mais trocas, mais conhecimento, mais diálogos internos e externos, mais encontros, mais desafios...

Como diz nossa atual presidente Janete Docolas, “a instituição é uma história que entrelaça várias outras histórias e desejos”. Mas ela inexistente sem os seus associados, e pertencer a Sig é também experimentar mudar a vida.

Estamos em tempos de relembrar tanto investimento e dedicação que vai desde compor ambientes, organizar e deixar tudo preparado até dar voz às ideias e conceitos para que se dê o encontro e a “mágica” da transmissão. Cada associado tem o seu lugar simbólico e contribui para o todo.

E a história não termina aí porque há muitas coisas que não podemos contar com palavras, só podemos viver os efeitos que estar aqui, tem em nós e que estão presentes na nossa forma de ser psicanalistas: só sabemos contar “sendo”. Pergunto-me então: fizemos a história ou foi ela quem nos fez?

Uma amiga numa conversa informal certa vez me disse: “a Psicanálise me salvou”. Na época achei forte a palavra, mas hoje entendo bem do que se trata. Ela me contava desse encontro potente e transformador capaz de transformar a dor em criação e da potência desses encontros que falamos hoje, que é capaz de detonar algo interno.

Numa livre associação essa ideia de explosão me remeteu ao entusiasmo de uma querida supervisora desses tempos idos, ao me falar de um livro o qual recomendava a leitura. Trata-se de “Como água para chocolate” de Laura Esquivel, do qual transcrevo um trecho aqui:

“Minha avó tinha uma teoria muito interessante: dizia que ainda que nasçamos com uma caixa de fósforos em nosso interior, não podemos acendê-los sozinho porque necessitamos....de oxigênio e da ajuda de uma vela. Só que nesse caso o oxigênio tem de provir, por exemplo,

do alento da pessoa amada. A vela pode ser qualquer tipo de alimento, música, carícia palavra ou som que faça disparar o detonador e acender um dos fósforos. Por um momento nos sentimos deslumbrados por uma intensa emoção. Se produzirá em nosso interior um agradável calor que irá desaparecendo pouco a pouco conforme passe o tempo, até que venha uma nova explosão a reavivá-lo. Cada pessoa tem de descobrir quais são seus detonadores para poder viver, pois a combustão que se produz ao acender-se um deles é que nutre de energia a alma.”

Muito obrigada a todos vocês, colegas da Sig, por seguirem sendo fontes de energias capazes de disparar detonadores.

ESQUIVEL, Laura.(2015) Como água para chocolate. São Paulo: Martins Fontes
PERESTRELLO, Marialzira. (1998). Cartas a um Jovem Psicanalista. Rio de Janeiro: Imago

*Depoimento realizado por ocasião de uma das atividades de lançamento do ano de comemoração dos 30 anos da Sigmund em outubro de 2019.